

A MONARQUIA IDEAL NA OBRA A PRINCESA DE BABILÔNIA DE VOLTAIRE*

DEIVID DA COSTA TRINDADE**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar o modelo de Monarquia Ideal, tratado na obra *A Princesa de Babilônia* de Voltaire, de 1758, período de grande efervescência de idéias e filosofias que mudaram seu foco de preocupação com o “transcendente”, o Divino, para uma nova diretriz de pensamento, centrada a partir de então na figura do homem como objeto central e na irradiação da racionalidade.

A PRINCESA DE BABILÔNIA: UMA PROPOSTA TEÓRICA

Quando analisamos uma obra, seja filosófica ou histórica, devemos ter um olhar cuidadoso sobre o contexto em que foi escrita, pois seu autor ao escrevê-la tinha como objetivo relatar ou até mesmo criticar os problemas de seu tempo, apontando soluções objetivas para estes. Por isso, faz-se importante buscarmos uma proposta teórica que torne possível o estudo de tais obras.

Tomaremos como base o Estudo do Pensamento Político¹ para podermos compreender a proposta de monarquia feita por Voltaire em sua obra *A Princesa de Babilônia*. Por isso, é importante que compreendamos o contexto, sem esquecermos do discurso do autor, é claro, em que foi inserida sua obra, pois, como diz Quentin Skinner,

é possível descobrirmos o que o autor pretendeu fazer com o que disse. Nesse caso, o que nos interessa é o que chamo de atos lingüísticos. (...) A questão que se deve, pois, propor a todo ato lingüístico é o que está se fazendo com o que é dito... todas as linguagens são atos, então os mesmos critérios que se aplicam à explicação de qualquer ato voluntário também se aplicam à interpretação da fala e da escrita (cf. SKINNER, in PALHARES; BURKE, 2000, p. 332).

* Artigo extraído de meu trabalho de conclusão de curso apresentado em 04/11/2008.

** Bacharel em História – FURG; E-mail: deividhistoria@hotmail.com

¹ Ver, GUNNELL, 1981.

Skinner propõe uma abordagem intelectual no sentido de se buscar não só entender o pensamento do autor através de sua obra, mas observar o contexto em que sua obra foi produzida, bem como perceber seu discurso como um veículo de comunicação com o leitor². No caso de Voltaire, seus textos exprimem uma visão política que nos leva a crer que sua intenção não era a de um simples escritor, mas de um intelectual engajado em intervir nas transformações que entendia necessárias para seu tempo. Como ressalta também Pocock,

A interpretação de um texto político, portanto, jamais pode resignar-se a uma leitura “vertical” da obra, como se o autor constituísse um depósito hermeticamente fechado de todos os sentidos da mesma. Ele deve, isso sim, situá-los [o texto e a obra] dentro de um conjunto mais amplo de “convenções” ou “questões paradigmáticas” ou modos de enfrentar essas questões, comuns a vários autores mais ou menos contemporâneos – uma comunidade de “falantes” de uma língua política (...) Como essa atualização é pensada como atos de fala, o sentido da *langue* e do uso que o sujeito faz dela devem encontrar seu ponto na fuga do mundo dos acontecimentos que as *paroles* pretendem modificar (2003).

Pocock, na citação, defendeu que o historiador das idéias políticas deve fazer minuciosa investigação acerca do discurso empregado pelo autor para fundamentar suas reflexões sobre o assunto abordado, seus atos lingüísticos, no caso, Voltaire. Portanto, ancorados sobre essas reflexões teóricas, tentaremos compreender o discurso de Voltaire como homem de seu tempo, sua interpretação e visão de mundo, e como estas passaram seu texto.

Apoiados na teoria de análise do pensamento político, compreendemos que Voltaire foi um intelectual³ preocupado em esclarecer seus governantes, a fim de que pudessem agir e pensar pela razão. A respeito disso, Lopes afirmou que “o paradigma intelectual voltairiano se fundamenta sobre a seguinte questão: conduzir os segmentos dirigentes do poder político pela via esclarecida da razão iluminista (LOPES, 2003, p. 40ss.).

² Através do seu discurso tem-se todo um significado lingüístico que o autor atribui a ele.

³ Segundo Jean-François Sirinelli, a palavra *intelectual* comporta duas acepções semânticas, uma ampla e a outra sociocultural. Na primeira encaixam-se jornalistas, escritores e os professores secundários; é social na medida em que há indivíduos que participam como atores que dissolvem o sentimento nacional ou pervertem a “sociedade”. Mas tal definição é complicada, segundo Sirinelli (1996, p. 24), pelas representações. Dessa forma, acreditamos que Voltaire foi um intelectual engajado em refletir sobre os problemas de seu tempo e assim, buscar soluções para estes, seja através de seus escritos ou pelo contato direto com esses problemas. Ver: VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância* (2006).

Portanto, a obra *A Princesa de Babilônia*, de Voltaire, traz em si mais do que um emaranhado de reflexões filosóficas e/ou históricas do autor, e sim uma reivindicação contra os abusos cometidos por seus governantes e a busca de soluções palpáveis para conter tais absurdos, na medida em que Voltaire foi um intelectual engajado nas lutas contra tais problemas de seu tempo. Essas soluções estariam, como veremos, no esclarecimento de seus governantes. Sua proposta política era dirigida à educação iluminista dos reis, em seu caso, especificamente de Luís XV (século XVIII), com o objetivo de instrumentalizá-lo a gerir seu governo com justiça, temperança e respeito, virtudes de que Voltaire era admirador e incentivador, e as quais buscaremos compreender em seu discurso na obra *A Princesa de Babilônia*.

A PRINCESA DE BABILÔNIA E A MONARQUIA

Através de uma análise de conteúdo⁴ da proposta de monarquia lançada por Voltaire em *A Princesa de Babilônia*, identificamos sua idealização de uma monarquia ideal. Voltaire vivia em um tempo de absolutismo⁵ e intolerância religiosa na França (Cf. PERRY, 2002, p. 319ss.), em que os governantes exerciam poder arbitrário e desmedido. Dessa forma, Voltaire traz dois tipos de monarquia, uma real e outra ideal. A primeira é viciosa, desmedida e arbitrária, e a segunda é polida, culta, amante das artes e da filosofia e respeitosa para com o seu súdito, exemplo a ser seguido pela monarquia de seu tempo.

Assim, traremos a crítica que Voltaire faz à monarquia de seu tempo, na medida em que a França, por volta da década de 1760, era governada por Luís XV, filho de Luís XIV, e estava envolvida em sérias querelas internas e externas, frutos dos governos anteriores a Luís XV⁶. E por fim, traremos a proposta de Voltaire para uma monarquia ideal, que deveria ser exercida por um monarca à altura. Também disponibilizaremos um quadro comparativo sobre as respectivas monarquias, com o intuito de elucidarmos melhor a proposta de Voltaire.

⁴ Análise de conteúdo, segundo Roque Moraes, “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. (...) Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais” (MORAES, 1999, p. 9ss.). Ver também BARDIN, 1977; BAUER; GASKELL, 2002.

⁵ O período o chamado *Antigo Regime*, o qual é caracterizada pelo predomínio dos monarcas absolutos na Europa, principalmente na França do século XVIII, berço do regime absolutista no mundo ocidental (Cf. PERRY, 2002, p. 319 e ss.).

⁶ Ver PERRY, 2002, p. 261.

A MONARQUIA REAL

Voltaire lança duras críticas à monarquia de seu tempo, exercida por Luís XV, na França. Dessa forma, Voltaire, no primeiro momento de nossa análise, assim inicia crítica:

O velho Belus, rei da Babilônia, se julgava o primeiro homem do mundo, pois todos os seus cortesãos lhe diziam isso e seus historiadores o provavam a ele. O que poderia desculpar nesse ridículo é que, com efeito, seus predecessores haviam construído Babilônia mais de trinta mil anos antes, mas ele a havia embelezado (VOLTAIRE, 2005, p. 15).

Nesta citação de Voltaire podemos perceber que Belus, julgava-se o único monarca do mundo, pois todos deveriam curvar-se perante seu poder e prestígio, pois nada dizia o contrário. Voltaire, na verdade, está criticando Luís XV, um monarca vicioso, indolente e impiedosamente arbitrário. Esse monarca, além disso, era apoiado por seus súditos e sacerdotes. Sobre isso, diz Voltaire:

Todos concordavam que os deuses só haviam instituído os reis para que esses dessem festas todos os dias, contanto que fossem variadas; que a vida é demasiado curta para que empreguemos de outra forma; que os processos, as intrigas, a guerra, as disputas dos sacerdotes, que consomem a vida humana, são coisas absurdas e horríveis; que o homem nasceu para a alegria; que não amaria apaixonada e continuamente os prazeres se não tivesse sido formado para eles; que a essência da natureza humana é alegrar-se e todo o resto é loucura. Essa excelente moral nunca foi desmentida senão pelos fatos (VOLTAIRE, 2005, p. 18).

Nessa citação de Voltaire podemos perceber a afirmação de que os reis só serviam para dar festas, banquetes e honras para satisfazerem a si e aos que o rodeavam.⁷

Nosso autor prossegue:

Belus (...) reuniu o conselho para tratar do casamento da bela Formosante, e assim falou como um grande político: Estou velho, não sei mais o que fazer, nem a quem dar a minha filha. Aquele que a merecia não passa de um vil pastor, o rei das Índias e aquele do Egito são uns poltrões; o rei dos citas me conviria bastante... (VOLTAIRE, 2005, p. 26).

⁷ Ver LOPES, 1994, p. 15 ss.

Nessa citação percebemos que nenhum homem, por mais que fosse um rei, se fazia digno para casar com Formosante⁸. Na verdade, Voltaire está criticando a monarquia francesa, no sentido de que poucos monarcas no mundo teriam condições e méritos para governá-la. Nesse sentido, Voltaire prossegue em sua obra narrando a grande preocupação do monarca Belus em arranjar um sucessor à altura, para casar com sua filha (cf. VOLTAIRE, 2005, p. 38ss).

Voltaire lança novamente suas críticas dizendo:

É assim que os egípcios, tão famosos por montes de pedras, se embruteceram e desonraram com suas superstições vulgares. Julgam as outras nações profanas, não se comunicam com elas; e, excetuando a corte, que às vezes se eleva acima dos preconceitos vulgares, não havia um egípcio que queria comer um prato do qual já tenham servido um estrangeiro. Seus sacerdotes são cruéis e absurdos.

Antes dela, homens poderosos mandavam tropas de assassinos devastar populações desconhecidas e regar com seu sangue a herança de seus pais (VOLTAIRE, 2005, p. 58).

Nesta citação de Voltaire percebemos sua crítica mordaz às superstições em que os franceses⁹ estavam mergulhados. Tais superstições determinavam e orientavam a sociedade francesa do século XVIII, da qual o autor faz parte e luta para despertar as consciências através de seus pensamentos. Voltaire chama a atenção também que, em nome dessa superstição muitos soberanos mandavam tropas devastarem terras e habitantes, manchando de sangue a nação francesa (cf. LOPES, 1994, p. 10ss).

Por muito tempo andamos completamente nus, embora o clima não seja quente. Durante muito tempo fomos tratados como escravos por gente que vinha da antiga terra de Saturno, regada pelas águas do Tibre; (...) Um de nossos reis levou a humilhação a ponto de se declarar súdito do sacerdote que também morava às margens do Tibre e a quem chamava de o *Velho das Sete Colinas*, de tal modo que dessas sete montanhas foi de dominar tanto tempo uma parte da Europa, habitada então por brutos! (VOLTAIRE, 2005, p. 65).

⁸ Formosante era filha do Rei Belus da Babilônia; ambos são personagens da obra *A princesa de babilônia* (VOLTAIRE, 2005).

⁹ Claro que, quando me refiro aos “franceses” não estou generalizando o termo. Refino-me não ao camponês francês, mas sim ao cidadão francês que mora na cidade e que está envolvido num clima sócio-psicológico no qual a superstição religiosa é parte integrante e dominante na vida do cidadão francês do século XVIII, que tem raízes no medievo francês (cf. LOPES, 1994).

Tal observação de Voltaire justifica sua afirmativa anterior, a qual acusa a superstição como vetora da intolerância religiosa, que escraviza, subjuga, maltrata e invade outras culturas de povos que vivem em harmonia com seu meio. Essa intolerância era fundamentada pelo Papa da época, ao qual Voltaire atribuiu o nome de *Velho das Sete Colinas*, que tinha reis sob seu mando, através do poder que a Igreja Católica exercia e detinha.¹⁰

Fora visto, por singular fatalidade, a desordem, as guerras civis, a anarquia e a pobreza desolar o país quando os reis exerciam o poder arbitrário. A tranqüilidade, a riqueza, a felicidade pública só reinaram entre nós quando os reis reconheceram que não eram absolutos (...). Aí está, na verdade, o estado em que estamos (VOLTAIRE, 2005, p. 66-67).

Percebemos seus ataques aos governantes franceses de seu tempo, os quais exerciam poder arbitrário, levando a França ao caos político, social e econômico, onde a fome, a miséria, a desolação e o medo pairavam como uma sombra ameaçadora que não se sabia quanto tempo duraria.¹¹

Voltaire critica a Igreja, quando o personagem Amazan, ao chegar ao palácio do soberano,

Logo vii toda a corte do senhor do mundo: era composta de graves personagens, uns usando túnicas vermelhas, outros trajando cor violeta; quase todos fitavam o belo Amazan com olhos lascivos; faziam reverências a ele e diziam uns aos outros: *San Martinho, che bel ragazzo! San Pancrazio, che bel fanciulo!* (VOLTAIRE, 2005, p. 71ss.).

Nessa citação de Voltaire podemos perceber mais uma vez suas críticas à Igreja, que, através da autoridade do Papa que era tido como o mensageiro, o encarregado de levar as palavras de Deus aos seus filhos, o herdeiro e sucessor de São Pedro na terra, detentor das chaves do Reino de Deus e o pescador de *servos de Deus*, submetia e subjugava reis e seus súditos.¹²

Através da análise de conteúdo utilizada foi possível observarmos as críticas lançadas por Voltaire à monarquia de seu tempo, a qual, devido a seus vícios, colocava a nação francesa a mercê da fome, da miséria, das guerras e perseguições religiosas que eram fundamentadas pelo poder religioso, junto com a monarquia na França do século XVIII.

¹⁰ Ver FRANCO JUNIOR, 1985.

¹¹ Ver DUBY, 1999.

¹² Ver PERRY, 2002.

A MONARQUIA IDEAL

A partir disso, vamos para o segundo momento de nossa análise de conteúdo que é a proposta de monarquia ideal, sendo que, para a que a monarquia fosse “perfeita”, segundo o autor, era preciso que seu monarca fosse esclarecido ou ilustrado¹³ nas artes, nas ciências e cultura, e tudo isso Voltaire traz em sua obra *A Princesa de Babilônia*. Ao referir-se ao ideário de monarquia, diz:

Era o monarca do mundo mais justo, mais polido e mais sábio. Foi ele que, por primeiro, lavrou um pequeno campo com suas mãos imperiais, para tornar a agricultura respeitável a seu povo. Foi ele que, por primeiro, instituiu prêmios para as virtudes (*provérbios: Bem Aventurados*). As leis, por toda parte, aliás, eram vergonhosamente restritas a punir os crimes. Esse imperador acabava de expulsar de seus Estados um bando de bonzos estrangeiros que tinham vindo dos confins do ocidente, na insensata esperança de forçar toda a China a pensar como eles e que, sob o pretexto de anunciar verdades, já tinham adquirido riquezas e honrarias (VOLTAIRE, 2005, p. 51-52).

Nessa citação o autor refere-se à monarquia prussiana, governada por Frederico II, que o acolhera em tempos tempestuosos. Este Salomão virtuoso, segundo Voltaire, era um grande legislador, articulador militar e diplomata, rodeado de grandes filósofos, matemáticos, poetas e escritores.

Voltaire prossegue, dando exemplos sobre a monarquia ideal:

– Um único homem começou essa grande obra – respondeu o cimério – uma mulher a aperfeiçoou; uma mulher foi melhor legisladora que a Ísis dos egípcios e a Ceres dos gregos (...). A primeira de suas leis foi a tolerância de todas as religiões e a compaixão por todos os erros. Seu poderoso gênio reconheceu que, se os cultos são diferentes, a moral é por toda parte a mesma; (...) os cimérios consideram o escandinavo e o chinês como seus irmãos (VOLTAIRE, 2005, p. 59).

Podemos perceber nessa citação de Voltaire o exemplo de uma monarquia gerida por uma mulher. Tal monarquia possuía leis e instituições que proporcionaram harmonia e progresso aos seus súditos. Voltaire está falando de Catarina, a Grande da Rússia, a qual, junto com Frederico II, da Prússia, pertencia à geração de *Déspotas Esclarecidos* referenciados pelos *Philosophes*, e cujo governo era exercido de forma racional e liberal.¹⁴

Voltaire menciona na obra *A Princesa de Babilônia* personagens

¹³ Ver FORTES, 1991.

¹⁴ Ver PERRY, 2002, p. 312-313.

que atravessam as mais diversas regiões, habitadas e geridas por homens instruídos, amantes das artes e da filosofia¹⁵. Diz Voltaire:

Amazan chegou à região dos batavos; seu coração experimentou uma doce satisfação em seu pesar, ao encontrar ali como uma pálida imagem do país dos felizes gangáridas: a liberdade, a igualdade, a limpeza, a abundância, a tolerância (VOLTAIRE, 2005, p. 61-62).

Nessa citação de Voltaire percebemos sua admiração pelas monarquias esclarecidas que instituíam leis justas, prudentes e tolerantes. O autor refere-se à monarquia inglesa¹⁶, que possuía leis justas que protegiam a propriedade e a riqueza e que era pátria de homens sábios como John Locke e Thomas Hobbes.¹⁷

A VIRTUDE E A MORAL: atributos de um monarca ideal

Não podemos falar de monarquia ideal ou esclarecida, sem falarmos da figura do monarca, peça fundamental para que essa monarquia se torne capaz de satisfazer os anseios de sua nação. Ao longo da obra *A Princesa de Babilônia*, Voltaire fala de um jovem virtuoso, inteligente, temperado e prudente:

... um jovem desconhecido se apresentou na barreira, montado em um unicórnio, acompanhado de seu escudeiro em igual montaria, e trazendo pousado sobre seu punho um pássaro... Era, como foi dito depois, o rosto de Adônis sobre o corpo de Hércules; era a majestade unida à graça. Suas sobranceiras negras e seus longos cabelos loiros, mescla a beleza desconhecida em Babilônia, encantaram a assembléia;... todos os espectadores exclamaram: não há no mundo senão esse jovem que seja tão belo como a princesa (VOLTAIRE, 2005, p. 18).

Nesta citação de Voltaire podemos perceber sua admiração por um homem que além de ser belo e jovial, despertasse os anseios de um povo. Um jovem com um ar de príncipe que poderia ser um pretendente à altura para casar com a princesa da Babilônia. Sobre esse jovem e seus atributos, Voltaire prossegue:

Então o jovem desconhecido desceu de um salto na arena e, dirigindo-se ao rei dos citas, lhe disse:
– Não se surpreenda Vossa Majestade, por não ter tido pleno sucesso.

¹⁵ Ver VOLTAIRE, 2005, p. 61ss.

¹⁶ Ver PERRY, 2002, p. 261ss.

¹⁷ Ver PERRY, 2002, p. 299-300.

(...) Tem muito mais mérito em tê-lo feito dobrar (o arco de Nemrod) do que eu possa ter em retesá-lo. (...) Em seguida tomou uma flecha, ajustou-a na corda, retesou o arco de Nemrod e fez voar a flecha muito além das barreiras. (...) A Babilônia inteira estava tomada pela surpresa; os três reis estavam confusos e o desconhecido não parecia perceber isso (VOLTAIRE, 2005, p. 20).

Voltaire menciona os atributos do jovem que, além de ter uma retórica magnífica, possuía destreza com instrumentos manuais como o arco, prática que era perseguida desde “as mais antigas civilizações orientais”¹⁸. Essa visão de príncipe ideal sempre foi a principal proposta de Voltaire na maioria de suas obras. Da mesma forma, em *Cândido ou o Otimismo*, o autor mencionou que “Havia na Vestfália, no castelo do senhor Barão de Thunder-tem-tronckh, um jovem que a natureza havia dotado com as melhores qualidades. Seu rosto era o espelho da alma. Era de entendimento claro e de espírito simples”¹⁹ (VOLTAIRE, 2005, p. 27).

Sobre o reino do jovem Amazan, diz Voltaire:

O país onde mora seu encantador desconhecido, o mais perfeito dos homens, é o único em que sua espécie ainda sabe amar a nossa e falar com ela; é a única região da terra onde os homens são justos (...) nascidos todos iguais, são donos de inumeráveis rebanhos (...) nunca os matam; é um crime horrível contra o Ganges matar e comer seus semelhantes (...) (VOLTAIRE, 2005, p. 33-35).

(...) nenhum de meus favoritos (diz o imperador da China) tem mais espírito do que ele; nenhum mandarim togado tem mais conhecimentos; nenhum mandarim de espada tem o ar mais marcial e mais heróico (VOLTAIRE, 2005, p. 52).

Nessa citação podemos perceber a menção a um reino justo, onde todos se respeitam, desde seu monarca até o mais humilde pastor, na medida em que todos são iguais e são felizes. Segundo Voltaire, por estes motivos Amazan foi admirado até pelo monarca da China. Podemos observar aqui que, para Voltaire, o monarca perfeito deve possuir qualidades como humildade, sabedoria, temperança.²⁰

Prossegue Voltaire:

Amazan já estava a caminho da Capital de Albion, em sua carruagem de seis unicórnios... viu uma carruagem caída num fosso; o dono da carruagem permanecia tranqüilamente em sua viatura (...) chamava-se

¹⁸ Ver, GILBERT apud LOPES, 2004, p.19ss.

¹⁹ O nome deste jovem era Cândido, educado por seu preceptor Pangloss, filósofo e cientista (VOLTAIRE, 2005, p. 27ss.).

²⁰ Ver, LOPES, 2004, p. 83ss.; 103ss.

milorde What-then (Que Importa) (...) Amazan se informava da constituição, dos costumes, das leis, das forças, dos usos, das artes, que tornavam esse país recomendável (...) Amazan sentiu-se penetrado do desejo de se instruir nessas ciências sublimes de que lhe falavam (...) (VOLTAIRE, 2005, p. 63-65-67).

Nesta citação podemos perceber o relato de Voltaire sobre o encontro do jovem Amazan com o Milorde What-then, o qual informou o jovem sobre as leis, os costumes, as forças, os usos de sua nação, a tal ponto que Amazan sentiu-se instigado a instruir-se nessas “ciências sublimes” (p. 65ss.). Voltaire estava falando na realidade do que ele pôde observar quando esteve na Inglaterra.²¹

Através de uma análise de conteúdo, foi possível percebermos três momentos: a crítica de Voltaire à monarquia de seu tempo, a idealização de uma monarquia ideal, virtuosa, esclarecida, ilustrada, sábia e temperada, que deveria estar fundamentada em um príncipe virtuoso, amante das artes, das ciências e, acima de tudo, um príncipe sábio e temperado para com seu próximo. Esses atributos de um príncipe perfeito, na visão de Voltaire, eram a chave para a felicidade e o bem-estar social, político e econômico de uma nação.

MONARQUIA REAL	MONARQUIA IDEAL	<i>Virtude e Moral: atributos de um príncipe ideal.</i>
<p>“O velho Belus, rei da Babilônia, se julgava o primeiro homem do mundo, pois todos os seus cortesãos lhe diziam isso e seus historiadores o provavam a ele. O que poderia desculpar nesse ridículo é que, com efeito, seus predecessores haviam construído Babilônia mais de trinta mil anos antes, mas ele a havia embelezado” (VOLTAIRE, 2005, p. 15).</p> <p>“Todos concordavam que os deuses só haviam instituído os reis para que esses dessem festas todos os dias, contanto que fossem variadas; que a vida é demasiado curta para que</p>	<p>“Em menos de oito dias, os unicórnios levaram Formosante, Irla e a Fênix a Cambalu, capital da China”.</p> <p>“Logo que o imperador da China soube que a princesa de Babilônia estava nas portas da cidade, enviou a seu encontro quatro mil mandarins em trajes de cerimônia; ... Os mandarins a conduziram respeitosamente à presença do Imperador”.</p> <p>“Era o monarca do mundo mais justo, mais polido e mais sábio. Foi ele que, por primeiro, lavrou um pequeno campo com suas mãos imperiais, para tornar a agricultura respeitável a seu povo. Foi ele que, por primeiro, instituiu prêmios para</p>	<p>“... um jovem desconhecido se apresentou na barreira, montado em um unicórnio, acompanhado de seu escudeiro em igual montaria, e trazendo pouso sobre seu punho um pássaro... Era, como foi dito depois, o rosto de Adônis sobre o corpo de Hércules; era a majestade unida a graça. Suas sobrancelhas negras e seus longos cabelos loiros, mescla de beleza desconhecida em Babilônia, encantaram a assembléia;... todos os espectadores exclamaram: “não há no mundo senão esse jovem que seja tão belo como a princesa” (VOLTAIRE, 2005, p. 18).</p>

²¹ Ver: VOLTAIRE, 2001; VOLTAIRE, 2006.

<p>empreguemos de outra foram; que os processos, asa intrigas, a guerra, as disputas dos sacerdotes, que consomem a vida humana, são coisas absurdas e horríveis;" (VOLTAIRE, 2005, p. 18).</p> <p>"Belus (...) reuniu o conselho para tratar do casamento da bela Formosante, e assim falou como um grande político":</p> <p>– Estou velho, não sei mais o que fazer, nem a quem dar a minha filha. Aquele que a merecia não passa de um vil pastor, o rei das Índias e aquele do Egito são uns poltrões; o rei dos citas me conviria bastante, mas não nenhuma das condições impostas" (VOLTAIRE, 2005, p. 26).</p> <p>"Logo ao chegar a Cítia viu, mais do que nunca, como os homens e os governos diferem, e diferirão sempre, até a época em que um povo mais esclarecido que os outros comunique a luz, de vizinho para vizinho, após mil séculos de trevas, e quando se encontrem, em climas bárbaros, almas heróicas que tenham a força e perseverança de transformar os brutos em homens. Não havia nenhuma cidade na Cítia e, por conseguinte, nada de artes agradáveis" (VOLTAIRE, 2005, p. 54).</p>	<p>as virtudes (<i>provérbios: Bem Aventurados</i>). As leis, por toda parte aliás, eram vergonhosamente restritas a punir os crimes" (VOLTAIRE, 2005, p. 51-52).</p> <p>– Um único homem começou essa grande obra – respondeu o cimério – uma mulher a aperfeiçoou; uma mulher foi melhor legisladora que a Ísis dos egípcios e a Ceres dos gregos (...).</p> <p>"Nossa imperatriz tem em mente projetos inteiramente opostos; considera seu vasto Estado, sobre o qual todos os meridianos vem juntar-se, como corresponde a todos os povos que habitam esses diversos meridianos. A primeira de suas leis foi a tolerância de todas as religiões e a compaixão por todos os erros. (...) Aqui a realeza e a liberdade subsistiam juntas, por um acordo que parecia impossível em outros Estados; os agricultores tinham parte na legislação, bem como só grandes do reino; e um jovem príncipe dava as maiores esperanças de ser digno de governar uma nação livre" (VOLTAIRE, 2005, p. 59).</p> <p>(...) todos os príncipes eram instruídos, todos autorizavam a liberdade de pensamento; (...) Eles o haviam educado no conhecimento da moral universal e no desprezo das superstições" (VOLTAIRE, 2005).</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A Princesa de Babilônia* de Voltaire foi escrita em 1758, na França em pleno século XVIII. Século este de grande propagação de

idéias contrárias à ordem da época, o dito *Antigo Regime*. Essa velha ordem absolutista que se apoiava e era apoiada pelo poder eclesiástico via no *Direito Divino dos Reis* um aliado poderoso para que seu predomínio político, econômico e social fosse sustentado, já que na França do século XVIII ainda predominavam resquícios feudais, referentes à servidão e, principalmente, a religiosidade. Em virtude disso, Igreja e o Monarca cometiam atrocidades inimagináveis para manter a ordem.

Dentro desse contexto começam a surgir idéias que iam contra essa ordem. Tais idéias foram propagadas pelos chamados *Philosophes*, os quais defendiam uma filosofia política que proporcionasse uma sociedade mais justa para todos. Estes defendiam uma doutrina chamada *Iluminismo*. Os *iluministas* travaram uma batalha contra tais abusos e intolerâncias. Nessa batalha das *Luzes* contra as *Trevas*, produziam desde pequenos panfletos até grandes obras e tratados que faziam ferver cabeças que aderiram à luta iluminista. Uma dessas cabeças que aderiram fervorosamente a esse combate foi Voltaire que, nessa perspectiva, começou a combater veementemente tais abusos. Dentre muitas obras de Voltaire, a obra *A Princesa de Babilônia* aqui analisada foi um exemplo disso.

Como vimos, a obra se desenrolou sob um cenário oriental, no qual Voltaire nos conta a história de dois amantes, Formosante e Amazan, os quais correm o mundo, atrás um do outro, na expectativa de viverem felizes. Ao mesmo tempo em que se procuraram, conheceram os mais diversos lugares e suas respectivas monarquias.

Através da análise de conteúdo, identificamos as suas críticas ao monarca (Luís XV) e a idealização de uma monarquia virtuosa e justa, como uma forma de tentar “sanar”, através da educação de seu monarca, os problemas do absolutismo monárquico e a intolerância religiosa, na França do Século XVIII. Dessa forma, sua crítica se centrou nos abusos cometidos pelos governantes, que puniam uma leviandade com pena de morte.

Dessa forma, fica clara a intenção de Voltaire, ao colocar a virtude como atributo para a realização de uma política mais justa para todos. Para Voltaire, só um monarca virtuoso, amante de leis justas, das artes, das ciências e da paz, traria em si os genes de um governo forte, soberano e, acima de tudo, mais justo e igualitário. Diferentemente de Maquiavel, que propôs um governo forte acima de qualquer custo, no qual o monarca poderia agir conforme a efetividade de sua ação, sendo estas virtuosas ou não, Voltaire pregava que, só através da virtude o monarca poderia governar segura e justamente.

Portanto, em nossa análise fica clara a atualidade dos escritos de Voltaire, que pregavam a tolerância e o respeito entre os homens, pois

mesmo hoje, esses aspectos são latentes entre as nações. Uns agridem e massacram os outros em nome do Capitalismo desenfreado, matam em nome de seu Deus, agridem culturas em nome da “civilização”, da “globalização”, desrespeitam-se não se importando a cor ou o credo, o qual o indivíduo professa, tiram a liberdade de agir e transitar livremente pelo mundo em nome da segurança nacional.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola [1901]. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa de textos: imagem e som: um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DARNTON, Robert. *Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia (1775-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- DEJEAN, Joan E. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Trad. Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. Coordenação de Marly Rodrigues, Maria Helena Simão Paes. São Paulo: Atual, 1993.
- GUNNELL, John. *Teoria política*. Brasília: Ed. UnB, 1981.
- JULLIARD, Jacques. *Política*. In: LE GOFF, Jacques. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, 1976.
- LOPES, Marcos Antônio. *A imagem da realeza: simbolismo monárquico no Antigo Regime*. São Paulo: Ática, 1994.
- LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Reinos da História: sobre a historiografia do pensamento político*. São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1999.

_____. *Voltaire historiador: uma introdução ao pensamento histórico na época do iluminismo*. Campinas: Papirus, 2001.

_____. *Voltaire literário: horizontes históricos*. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *Voltaire político: espelhos para príncipes de um novo tempo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

MAQUIAVEL. *O príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Educação*. Porto Alegre: PUCRS, n. 37, p. 7-32, 1999.

PALHARES-BURKE, Maria Luiza Garcia. Quentin Skinner. In: _____. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. Trad. Waltensir Dutra e Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. Trad. de Fábio Fernandez. São Paulo: EdUSP, 2003.

REIS, José Carlos. Voltaire historiador: moderno ou tradicional? *Temas e Matizes*, São Paulo, n. 1, jul. 2001.

RUDÉ, Georges. *A Europa no Século XVIII*. São Paulo: Gradativa, 1988.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

VOLTAIRE. *A Princesa de Babilônia*. Texto integral. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2005. *Grandes Obras do Pensamento Universal*, 32.

_____. *Cartas filosóficas*. Texto integral. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2006. *Grande Obras do Pensamento Universal*, 58.

_____. *Cândido ou O Otimismo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. *Cartas Inglesas; Tratado de metafísica; Dicionário filosófico; O filósofo ignorante*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Marilena de Souza Chauí (et al.). 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O homem dos quarenta escudos*. Texto integral. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Oceano, 2007.

_____. *Tratado sobre a tolerância*. Texto integral. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Vida e pensamento*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ZANOTO, Gizele. História dos Intelectuais e História Intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*, Rio Grande: Ed. da FURG, v. 22, n. 1, p. 31-45, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria da literatura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

